

VIOLÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR E SEUS EMBATES NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Rafaella de Lima Costa

Graduada em Geografia/2014

E-mail: rafaellarj172@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa pretende conhecer os problemas educacionais relacionados aos alunos estudados e conseguir meios para minimizá-los se assim for encontrado. O grupo estudado são alunos da escola Benedito Ramos localizada no bairro de Santa Cruz, o nome da instituição mencionada no trabalho é fictício, com intuito de preservar a identidade da escola. Os alunos são residentes das comunidades Rolas e Antares. Tal grupo possui certas dificuldades na aprendizagem e na convivência com os demais. Suas condições são péssimas e os mesmos possuem na maioria das vezes comportamento que condiz com a sua realidade de vivência, seja ela por pobreza ou a maioria das vezes por violência, que por vez acabam prejudicando o processo de aprendizagem do aluno. A escola Benedito Ramos é uma unidade escolar que agrega uma grande quantidade de alunos de baixa renda. Tais alunos produzem aspectos diferenciados dos demais quando se diz respeito ao desenvolvimento da aprendizagem, relação com os colegas e até mesmo com os profissionais. Estudar sua vida e compreender seus reais motivos podem acarretar entender e corresponder às expectativas dos alunos, criando assim, meios de resgatar o educando para a instituição. O estágio que foi feita nessa instituição por dois anos foi a base para começar a querer entender os problemas relacionados à instituição. A divisão da monografia é feita da seguinte maneira: primeiramente uma abordagem sobre a importância de se fazer um trabalho etnográfico e a importância da antropologia para a educação. O desenvolvimento é realizado por meio das problemáticas que foi observado na instituição tendo apoio principalmente das referências bibliográficas sobre o assunto, e por fim a conclusão na qual é abordado tudo que foi concluído no trabalho.

Capítulo 1 Os métodos antropológicos como ferramentas de pesquisa para a educação.

1.1 Antropologia na educação.

O pressuposto inicial para a antropologia nascer era que o ser humano é inovador e possui a capacidade de criar símbolos, métodos, cabendo ao mesmo ser produtor da cultura, pois, o

Rafaella de Lima Costa

mesmo possui lucidez diferenciando-o dos demais animais. O nascimento da antropologia deu-se através desses objetivos. O início de um diálogo antropológico teve uma significativa importância nos processos culturais e sociais da aprendizagem, houve assim mais visibilidade nas definições de como educar e porque educar alguém, uma vez que o homem é produtor de suas experiências. Para entender e conseguir transmitir um diálogo sobre a antropologia da educação é necessário o trabalho de campo (etnografia), ou seja, um estudo do cotidiano de um grupo ou um espaço de uma comunidade, na qual se analisa o cotidiano, aprende-se o irracional, o acaso e a diferença, pois o envolvimento com o espaço estranho causa maturação apenas com o tempo de pesquisa. Torna-se pertinente lembrar que os diálogos antropológicos tiveram o seu início, no entanto, não houve o seu fim.

A antropologia e a educação são áreas distintas e independentes. No entanto, ambas possuem certas conexões em alguns momentos e que tornam-se dependentes uma da outra. É essencial lembrar que a maioria dos antropólogos não se interessa pela educação. A Antropologia por ser interdisciplinar possui seu ponto negativo, pois, ela estuda várias áreas e em alguns momentos acaba perdendo o seu foco, sua identidade. É notável lembrar que o papel da antropologia não é apenas dever do antropólogo, mas sim do professor, pois o mesmo sendo educador deve considerar a questão das diferenças em relação aos seus educandos. De acordo com Rocha, quando fala sobre a educação.

Pensamos que não é mais possível permanecer pensando a educação com práticas embasadas por visões “primárias”, monodisciplinares e descolada da realidade social na medida em que ela demanda uma visão multifacetada e mais polissêmica do que sejam os processos educacionais, a escola, o conhecimento, as práticas pedagógicas, os currículos, a formação e a Profissão, o professor, o aluno, entre outros (Rocha, 2009: 119).

Quando se deseja padronizar a educação, a mesma perde seu valor singular. A cultura possui um papel fundamental nas escolas, por isso entende-se que não existe apenas um tipo de cultura dentro da sala de aula. Nesse sentido, a diversidade de cultura existente deve fazer parte dos estudos da vida escolar. Quando se trata de cultura na escola, percebe-se que um pequeno espaço, como uma instituição, guarda diversidade de cultura. A alteridade pode ser caracterizada quando, um grupo mesmo com uniforme, coloca a sua cultura, por exemplo, na roupa, resignificando-as dos demais, dando assim, um diferente estilo cultural, seja ela para melhor ou para pior em relação às regras da instituição escolar. Um dos aspectos importantes do culturalismo brasileiro seria a cultura africana fortemente enraizada no país, e que em certo momento foi ameaça à construção do projeto de um país branco, negando as

diferentes culturas já existentes no país. O multiculturalismo deve ser tema abordado constantemente nas instituições escolares, principalmente, quando se trata do Brasil que é um país de uma miscigenação intensa. Vale lembrar que o trabalho do antropólogo é compreender o outro, pois o mesmo possui características diferentes e que merecem ser estudadas e entendida pelas ciências envolvidas com questões culturais.

1.2 A importância da etnologia para a pesquisa de campo.

A etnologia possui três fases quando se diz respeito às etapas de uma pesquisa, quando condiz com os estudos do cotidiano. A primeira fase é dominada de teórico-intelectual; Ela é composta por pensamentos e estudos quase imaturos e quantitativos, contendo dados que podem conter tipos de classes sociais, classificações, categorias cognitivas e outros; Ela é uma fase inicial da pesquisa. A segunda fase, conhecida como período prático, trata-se das resoluções de problemas ou tentativas do mesmo. Na última fase chamada de pessoal ou existencial, extraem-se lições dos casos estudados, Ela mostra a realidade do cotidiano dentro da pesquisa. Existem aí duas lacunas que são preenchidas pela cultura do pesquisador e a do pesquisado.

A interdisciplinaridade é indispensável dentro de uma ciência. O antropólogo tem que se desdobrar quando se diz respeito as pesquisas, principalmente quando, o mesmo tem como objeto de estudo as aldeias do Brasil central, onde além de pesquisador ele deve ser médico, viajante, professor, cozinheiro entre outros. São estes aspectos, papéis que a disciplina realiza.

1.3 As ciências sociais como objeto de estudo.

Nas ciências sociais, existe uma necessidade de que o objeto de estudo tenha uma grande distância do pesquisador; Essa condição requer que não haja nenhum envolvimento para que o pesquisador não sofra distorções da realidade. No entanto, essa condição não é aceita ou compartilhada por todos. Para alguns autores, diga-se de passagem autores das ciências sociais, tornar-se imparcial ou neutro não determina o resultado da pesquisa.

A separação de um grupo não será a partir da língua ou da tradição, mas sim, por experiências e vivências de cada classe; Fica claro que a sociedade não é homogênea, pois ela é composta por crenças, hábitos, grupos e valores diferenciados determinados pela cultura de classe. É cabível lembrar que, o familiar e o exótico estão em horizontes diferentes, mas em certo ponto se tocam; O que antes era exótico pode possuir características familiares e o que é familiar pode ter pontos exóticos. Portanto, estamos sempre entre o conhecido e o

Rafaella de Lima Costa

desconhecido. A caracterização do tipo de sociedade evidencia-se a partir do tipo de mapa da sociedade, contendo o tipo de posições sociais dos indivíduos, lugar e situação financeira. Na sociedade hierarquizada, onde existem áreas e predominância de poder, há grande probabilidade de conflitos e a sociedade é regida por grupos com interesses diferenciados. Falar do familiar e do exótico traz sempre questões a serem discutidas, seja ela por antropólogos ou por sociólogos, mas é certo que se não houvesse essas duas questões esclarecidas, não haveria esse estudo e pesquisa, principalmente quando trata-se da antropologia na qual tem o homem como o seu objeto de estudo.

Falar de cultura para uma sociedade contemporânea pode trazer certos desdobramentos diferenciados em certos aspectos; Pode-se dar o exemplo da sociedade brasileira que possui vários gêneros culturais, alguns possuem interesses restritos, valendo para uns e para outros não; São realidades dos grupos tribais que possuem restrições, contrapondo com a umbanda, o uso de tóxicos e até mesmo de escolas de samba que não terá o mesmo destino. Estudar o familiar pode acarretar em diversas probabilidades de pontos de vista, o estranhamento do familiar pode ser revisto como uma realidade mais complexa do que se possa imaginar, Velho vai dizer que:

O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de Confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes e respeito de fatos e situações (Velho, 2010:45).

É interessante estudar os conflitos de uma sociedade, pois, tal estudo é cabível para o registro diferenciado dos diversos tipos de grupos, sejam eles de diferentes interesses, ideologias, ou subculturas; As partes visualizadas dos conflitos dos grupos são capazes de fazer mudanças e dar possibilidades de remapeamento da sociedade. A noção do familiar, as vezes, é caracterizada e forçada por meios de comunicações sendo eles jornais, revistas e televisão, dando-nos familiaridade com sociedades distantes, fazendo-nos conhecê-las, ou achar conhece-las. E por outro lado, trazer o exótico para a sociedade que não é tão exótica como imaginamos, mas nossas visões são distorcidas pelo simples fato de não conhecê-la e nem ouvir falar da sua existência. É cabível dizer que o tema de pesquisa possui uma variedade infundável seja ela por mudanças sociais, ou transformações históricas. É viável pensar que o familiar pode resultar em um progresso para a sociedade.

As ciências humanas são um grupo contendo diversas particularidades, e dentro da mesma existem as ciências sociais na qual o seu processo é histórico. No entanto, quando trata-se das particularidades entre as ciências humanas e as sociais encontramos vários fenômenos a serem considerados que serão detalhados a seguir: quando se trata dos processos da consciência histórica é importante lembrar que por mais que diga-se que a inconsciência seja mais importante que a consciência, ao fazer história as nossas condições vão ser dado principalmente pela nossa consciência. Outro ponto a ser analisado segundo as ciências sociais é a identidade entre o sujeito e o objeto, pois a relação entre ambos vai acontecer quando o sujeito sendo o pesquisador e o objeto sendo a sociedade, ter entre ambas a relação de entendimento direcionado através do sujeito. Por outro lado as realidades sociais acontecem de forma mais qualitativa do que quantitativa; essa observação é de grande importância quando se trata de um pesquisador que quer elaborar uma pesquisa. Podemos dar o exemplo do objeto de estudo na qual propomos que é a observação participativa dos alunos da escola Benedito Ramos localizada em Santa Cruz. Ambos os processos possuem a sua importância, no entanto, a qualitativa nos propõe resultados que a quantitativa não consegue nos proporcionar.

É importante lembrar que o objeto das ciências sociais e as humanas são ideológicas, pois ambas se justificam segundo suas posições políticas ou até mesmo sociais. Outro ponto a ser analisado é a teoria e a prática já que a teoria sendo ela mesma torna-se singular, mas a prática é dependente da teoria. Conclui-se que uma se sobrepõem a outra quando se trata dos problemas existentes na sociedade. Segundo Demo (1987).

Todas as possíveis técnicas de mensuração da realidade não podem colocar-se com a pretensão de superar sua constituição ideológica interna, mas com o propósito de salvaguardar, sempre mais, as condições favoráveis de manipulação mais objetiva. Não se ganha nada apenas imitando as ciências naturais; muito menos vale a pena "naturalizar" as ciências sociais. Ganha-se, contudo, muito, se soubermos aproveitar criticamente condutas das ciências e vice-versa (Demo, 1987:18)

A metodologia é uma forma de se fazer ciência, e ela possui como finalidade suas ferramentas e seus procedimentos para o surgimento da mesma; É relevante relatar que para uns estudiosos, a metodologia é a razão do mesmo, já para outros, a mesma é tida como auxílio das disciplinas. A mesma é de grande relevância para a formação do cientista, ela pode ser vista ainda de duas formas sendo elas: derivadas da teoria do conhecimento ou filiada à

Rafaella de Lima Costa

sociologia do conhecimento, no entanto, a metodologia é apenas um instrumento pois a finalidade principal é a pesquisa, A finalidade principal da ciência é a pesquisa e a metodologia é um instrumento necessário para chegar ao objetivo. Conclui-se que a mesma é o passo-a passo para a formação da ciência. A pesquisa é uma atividade que a ciência realiza para suas descobertas, ela é a operação exercida para conhecer o desconhecido, o que sempre existe é a princípio ignorada e o estranho passa a ser o alvo da pesquisa, Pedro Demo afirma que:

Pesquisar é atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partimos do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície. Não é o que aparenta à primeira vista. Ademais, nossos esquemas explicativos nunca esgotam a realidade, porque esta é mais exuberante que aqueles. (Demo, 1987:23)

Entende-se então que a pesquisa é um processo interminável quando o objeto de estudo é a nossa realidade, Um construtor de saber é aquele cientista que não só transmite o conhecimento de outros, mas também seus pensamentos. Pesquisar é, por exemplo, o que pretendemos nesse trabalho que é a identificação da violência no cotidiano escolar e embates no ensino- aprendizagem dos alunos da escola Benedito Ramos na qual são moradores da comunidade Rolas e Antares. Conhecendo o cotidiano desses alunos e principalmente seu desempenho na unidade escolar, como também diagnosticar seu comportamento em sala de aula, tendo em vista o seu lugar de vivência.

Capítulo 2 A questão da violência na vida do adolescente e seus embates educacionais.

2.1 A questão da violência nas periferias da cidade do Rio de Janeiro.

O problema da violência no Brasil obteve maior grau a partir da década de 80 quando o país estava sofrendo uma de suas piores crises na economia; Entende-se que quando um país entra em dificuldade tudo se desequilibra; Houve problemas na economia que consequentemente afetaram no aumento do mercado informal, aumento de desemprego e paralelamente a isso o crescimento da violência e da criminalidade nas áreas periféricas das cidades. Esse obstáculo se agravou em todo o país inclusive no estado do Rio de Janeiro, com o aumento desenfreado da violência; Iniciou-se então a ideologia de que o problema estava na classe trabalhadora, confundindo trabalhador com criminoso. Essas informações preconceituosas trouxeram para a sociedade certos problemas e discriminações na qual entendia-se que a classe trabalhadora não merecia confiabilidade e que a mesma tornou-se perigosa para a sociedade e que a mesma precisava de políticas dissuasivas para que fosse minimizado o problema com a criminalidade; No entanto, esse ponto de vista observado do lado de fora é quebrado quando em uma pesquisa de campo realizado por Zaluar(1992) sobre o cotidiano das classes trabalhadoras da cidade do Rio de Janeiro afirmava que na maioria das vezes o envolvimento no crime não estaria relacionado à pobreza, mas sim `a atrações que a vida do crime lhes traziam e consequentemente a vontade súbita de enriquecer.

Só que os fatos recolhidos em pesquisas de campo desenvolvidas por mim desde 1980 num conjunto habitacional da CEHAB não se enquadram nessa imagem construída “de fora” sobre o cotidiano das classes trabalhadoras no Rio de Janeiro, especialmente no que se refere às relações entre trabalhadores e “bandidos” (os traficantes e seus comandados). (Zaluar, 1992: 20).

Outro problema a ser citado é o dos membros das quadrilhas que se diferenciam entre os chefes da boca de fumo que enriquecem consequentemente com essa atividade e os que trabalham para o chefe, É importante ressaltar que essa categoria mais baixa possui na maioria das vezes um salário pelo trabalho no tráfico; Seria esse um trabalho informal, existem, portanto, patrões e empregados no crime organizado e que passou a existir devido ao tráfico de drogas. Por outro lado, há ainda as diferentes classificações distintas para o ser bandido: a primeira é dada aos trabalhadores das comunidades que entende que bandidos são as pessoas que usam armas na cintura e que são criminosos, já para os que são envolvidos no crime,

Rafaella de Lima Costa

bandidos são as pessoas que possuem disposição para matar. Quando se trata de definir o traficante, o trabalhador formal entende que o mesmo é inferior a si, pois ele almeja o dinheiro, no entanto, não trabalha e arranja meios fáceis para consegui-lo, Já a visão do bandido sobre o trabalhador é tida como uma pessoa que não sabe se dar bem na vida e que se soubesse não trabalharia tanto para ganhar tão pouco. Quando se trata do trabalhador o seu salário é contado para pagar todas as suas contas, já o bandido desperdiça o dinheiro com tudo sem previsões para o futuro, pois a ostentação não lhe permite economizar.

Os trabalhadores pobres, por sua vez, definem-se por terem que trabalhar (ao contrário dos ricos) e, porque trabalham, por serem moralmente superiores (ao contrário dos bandidos). Na questão do trabalho, portanto, as imagens locais correntes aproximam bandidos e ricos por desprezarem o trabalho ou gostarem de dinheiro obtido sem “dar duro” (Zaluar, 1992: 25)

Quem vive fora das comunidades entende que há alianças entre bandidos e moradores, e de certa forma há esse elo entre ambos; No entanto, ele pode ser dado através da proteção em que traficantes lhes dão em sua comunidade não permitindo roubos e estupros feitos por pessoas que não respeitam as regras, essa segurança passada à comunidade faz com que os moradores tenham os bandidos como boa pessoa, pois o mesmo “protege” os cidadãos.

A quadrilha se forma em torno dos traficantes e são eles que levam os tóxicos para as favelas e são os que possuem inicialmente o capital, o líder é quem possui o poder e a ordem e para que isso funcione, o mesmo tem muitas das vezes de matar ou expulsar quem resiste a ele. Outro método de liderança é matar o líder anterior, essa ação traz respeito dos liderados e medo aos trabalhadores. Um dos problemas da violência na quadrilha é dado a partir de qualquer deslize ou quebra de contrato feito pelos que são comandados pelo poder do tráfico, pois acontecendo alguns desses problemas, o trabalho informal não proporciona recorrer à justiça pelo direito do líder, acarretando conseqüentemente à morte de alguns, pois, sobretudo, o tráfico é um comércio informal que possui ramificações nacionais e internacionais, na qual, qualquer problema que possui há grande perda de dinheiro. Para Zaluar (1992).

O empreendimento do tráfico se dá, pois, na interseção da lógica comercial de mercado com a lógica cultural sob o signo da masculinidade e do individualismo, e a lógica institucional da violência e da força. (Zaluar, 1992: 31).

2.2 A questão da pobreza na periferia.

Atualmente, se tem visto nos jornais e rede de televisão as ações de policiais que não agem adequadamente contra aos jovens pobres do tráfico quando os mesmos são pegos; No entanto, os métodos da polícia quando ilegais e violentos sobre os parceiros pobres e fracos do tráfico faz com que o mesmo reproduza práticas negativas, pois sua reprodução será decisiva em uma carreira geralmente criminosa e adotada como estilo a violência. É importante ressaltar que a masculinidade e a individualidade são símbolos importantíssimos para essa façanha. A questão da pobreza e da violência são muito marcados na sociedade brasileira, a violência é vista em forma de bactéria na sociedade na qual possui a sua caracterização como um meio sem moral básico de um ser humano e é entendida como um problema que vem da periferia. Outro problema é como se dá o tratamento ao criminoso, pois a forma é de um objeto incapaz de mudança na qual nasce, cresce e morre criminoso. Outro impasse a ser citado é o homem pobre que passa a ser sinônimo de marginal, ou criminoso, pois a pobreza perdeu seu sinal positivo, preservando apenas o negativo. A falta de dinheiro fez com que os grupos negros e favelados se transformassem em suspeitos em roubos, em cometer atos ilícitos ou ser um bandido. Quando trata-se de pobreza, a ideia é tida como falta de bens materiais.

Na década de 80 iniciou-se projetos governamentais de apoio a educação para as classes periféricas. Foram construídos vários centros na qual foram espalhado pelo Estado do Rio de Janeiro, no entanto, a proposta pedagógica não se condizia com a realidade da classe pobre, portanto, o número de crianças e do adolescentes que obtiveram a qualidade tanto da formação educacional quanto da profissional foi muito pequena, quase insignificante, devido à falta de coerência com a cidadania, essa tentativa de solução para a pobreza foi para minimizar o quadro de violência e de crime, já que no senso comum a pobreza é a geradora desses dois problemas existentes na sociedade brasileira. Uma das tentativas do governo de reordenar a sociedade foi através do trabalho, no entanto, esse aumento de atividade foi evidenciada na mão-de obra de menores, na qual os mesmos deveriam estar nas salas de aulas, houve então projetos que beneficiavam esses menores, porém tais projetos foram entendidos como meio de tirar as crianças das ruas. Os projetos pedagógicos não foram feitos com qualidade e as crianças passavam apenas o tempo na instituição até a renda da família melhorar ou até que a criança obtivesse idade para trabalhar. O projeto realizado pelo governo não foi suficiente para minimizar o desemprego ou subemprego das camadas populares, pois os mesmos continuam a mercê de cair na violência e no uso de drogas.

Rafaella de Lima Costa

Vários processos produzem a exclusão social na sociedade brasileira, por exemplo, a grande quantidade de jovens excluídos do processo social, pois os mesmos não tiveram acesso à educação básica. Outro fenômeno é a dos jovens que buscaram o crime para preencher as lacunas deixadas pela injustiça social. Barreto afirma que:

O pensamento político e social deste século desenvolveu uma linha de reflexão peculiar sobre a questão da violência, onde esta é entendida não como fator de atraso e exclusão social, mas como uma saída para a crise da sociedade industrial e capitalista. (Barreto; 1992:60)

A crise da educação é uma crise política, o grau da exclusão educacional é absurdo, já que o cidadão é excluído da escola, do mercado de trabalho e posteriormente dos exercícios da cidadania, esse problema pode ser um grande elo entre o mundo educacional e o da violência. Na cidade do Rio de Janeiro cresceu o número de menores nas ruas, essa realidade é um fato antigo, mas é uma questão que está sendo tomada na atualidade, já que essa problemática é uma questão social

. O governo optou por criar escolas para diminuir esse problema, a intenção seria fazer com que os menores passassem mais tempo com os professores do que com a família, já que os pais trabalham e os mesmos acabam ficando na rua, a preocupação com os menores varia de acordo com a região se for na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, ela se dará em forma de proteção, pois os moradores não querem ser abordados por pivetes na cidade, mas nas favelas a preocupação acontece de forma diferente pois as famílias querem proteger os filhos do mau que circulam a comunidade que é o tráfico e o crime.

Os programas governamentais proclamam como um dos objetivos da educação nacional o prepara para o exercício da cidadania. Isto, no entanto, parece não ocorrer porque são programas nascidos de um tecnicismo grotesco, que ignoram a verdadeira natureza da educação e terminam por criar as condições culturais para o surgimento de sua contrafação, a violência. (Barreto, 1992:63 e 64).

As pesquisas revelam que segundo a opinião da população, os problemas sociais seriam resolvidos através do estado e não do mercado de trabalho, segundo a população, a solução deveria vir através de assistências aos pobres, é necessário adotar medidas para excluir a primeira, pois com ela é impossível combater a segunda. É relevante pensar que a cidade do Rio de Janeiro passou por diversas transformações no decorrer dos anos e esses aspectos

foram importantes para socialização das crianças e jovens, não só porque a cidade se modificou no aspecto populacional ou no sistema educacional, mais porque foi época de colégio de qualidade na cidade. No entanto, com o passar dos anos as instituições ganharam cara nova com cursos profissionalizantes mal conduzidas que provocaram devastações na qualidade dos cursos, esse é o reflexo da educação atual, com as mudanças na educação houve também nas ruas na qual eram antes, um espaço de socialização, passou a ser transformada em espaço de perigo, hoje sendo lugar de drogas. Se antes as armas brancas faziam parte da vida dos jovens e adolescentes, hoje a arma de fogo faz esse papel fazendo com que qualquer jovem passe a ser um criminoso, se antes o adolescente não tinha visão consumista, hoje ele quer ostentar já que a mídia e a sociedade em geral mostram que a pessoa tem que andar com roupas de marca para ser bem vista na sociedade. Por outro lado o papel da sociedade mudou, os adolescentes atuais possuem liberdade para iniciar sua vida sexual ainda muito novo, causando pressão aos jovens a terem a cada dia mais vontade de ter dinheiro. Um problema importante a ser questionado é a desatenção e o esquecimento dos alunos pobres na sala de aula, pois os mesmos não veem na instituição um futuro e conseqüentemente não entendem para que serve os conhecimentos escolares, outro problema a ser destacado são os professores, inspetores ou diretores que na maioria das vezes não foram criados nesse meio carente e conseqüentemente não conseguem lidar com camadas diferente das suas.

2.3 A rotina das escolas periféricas.

A rotina de uma escola passa pelos conflitos diários entre os alunos. A violência é caracterizada quando há intenção de destruição, ela pode ocorrer no pátio, na porta da escola ou no mesmo bairro em que a instituição se localiza, geralmente os agressores podem ser ex-alunos. Nas escolas, um problema muito abrangente é a invasão na mesma. Elas podem ocorrer de várias formas sendo elas: invasão de alunos, que mesmo que tenham abandonado a escola, ainda se encontram matriculados na instituição e por isso vão à escola para desfrutar do convívio social como, por exemplo, jogar bola, conversar com colega, entre outros. O segundo motivo vai ocorrer através da invasão da população residente no bairro, esse motivo acontece porque há facilidade de acesso na escola, já a terceira forma acontece pelas invasões violentas de diversos indivíduos. Um fato que deve ser citado é como se encontram as escolas atualmente, elas tendem a ser a cada dia mais superlotadas e com precariedade nas atividades pedagógicas. É importante ressaltar que as depredações nas escolas podem não ser tida como violência mas sim como forma de protesto, já que muitas instituições públicas sofrem com o descaso das autoridades educacionais. Uma das formas de minimizar a violência pode ser a

Rafaella de Lima Costa

ação policial ou até mesmo a conscientização da população, pois a instituição é de grande importância para os educandos. Outro problema é a situação em que se encontram as escolas, pois as mesmas são pichadas e possuem paredes em péssimas condições. Essas pichações representam o domínio do espaço escolar através de disputas dos grupos. No entanto, não é somente a segurança nas escolas que a população precisa, mas sim de mais escolas com qualidade, Fukui vai dizer que:

Ao analisar a questão da segurança nas escolas, é indispensável considerar que ela faz parte dos problemas de segurança numa sociedade com crescentes índices de criminalidade. (Fukui, 1992:121).

Para os alunos que trabalhavam, as maiorias tinham empregos informais. Já sobre os professores, a maioria faltava. As salas de aulas eram associadas como sinônimo de bagunça, por outro lado os alunos não tinham a maior ideia dos conteúdos que eram passados, mas a importância dada pelos alunos não foram os conteúdos, mas a empatia com os professores. Mas se por algum acaso os professores ganhassem a confiança e respeito dos alunos, os mesmos passavam a gostar das disciplinas. É relevante entender que quando há bocas de fumo perto das escolas, o tráfico influencia direto ou indiretamente a instituição. Diferentemente do que se pensa, os jovens roubam não porque são pobres ou vivem com famílias humildes e usam o crime para ajudar as famílias, mas sim porque vivemos em uma sociedade na qual predomina o consumo e para sustentar esse vício é preciso ter muito dinheiro. O problema das escolas não é só existente no Brasil, mas sim em muitos países, só que no Brasil o problema é bem mais grave. Eloisa aborda muito bem essa questão dizendo que:

Não podemos esquecer que, se nos países desenvolvidos há problemas graves provocados pela inadequação da escola à sociedade pós-industrial, no Brasil a situação é mais séria: Temos uma sociedade de consumo que se assemelha à de qualquer outro país industrializado, mas à qual só uma minoria tem acesso, e temos uma distribuição das mais perversas. (Eloisa, 1992:134 e 135)

Portanto, esse é uma problemática que existe há muitos anos e devemos criar métodos para tentar solucionar tais questões. É notável entender que esse é um processo demorado e trabalhoso, sendo nosso papel como educador criar diferentes meios pedagógicos para minimizar essa deficiência.

Capítulo 3 A violência e o espaço escolar.

3.1 As quadrilhas no espaço escolar.

As quadrilhas são formadas por jovens que geralmente moram nos morros ou comunidades. Uma das regras das quadrilhas para o grupo agressor é não usar armas de fogo, pois a utilização do mesmo “suja” a área. Quando o grupo resolve brigar, seus atos são de agressão física a verbal. Quando há escolas perto de morros, o chefe do morro faz acordo com a instituição para que se houver problema na comunidade, ou ainda, se a mesma for entrar em guerra, o mesmo comunica e a diretora da escola fica sabendo e toma as devidas providências de fechar a instituição mais cedo ou durante um período até que o local não esteja mais em perigo. Um dos acordos importante quando se trata da comunidade e da escola para os chefes dos morros é não chamar a polícia para solucionar problemas. Outro fator importante é a obediência ao chefe pelos moradores, pois quando ocorrem problemas e o dono do morro decreta algo, é importante que a pessoa obedeça, pois a desobediência causa consequência para alguns.

Geralmente as brigas que envolvem a quadrilha e causa problema para a comunidade é quando a pessoa não paga pela droga comprada, meninas que brigam com o namorado e o mesmo faz parte da galera, quando a pessoa é de um morro e arruma confusão com moradores do outro ou quando arrumam brigas em bailes. Um dos problemas bem constante nas áreas que são comandadas por chefes dos morros é que as meninas querem namorar o chefe e quando por algum motivo querem terminar o relacionamento, os mesmos não aceitam e acabam obrigando-as a continuar o namoro já que, caso isso não ocorra a garota pode sofrer agressões físicas ou até mesmo ser ameaçada de morte. É importante entender que existem as galeras da área e as quadrilhas da região, ambas se vinculam entre si, segundo Guimarães:

Há uma certa margem de autonomia na organização e na ação das galeras, ainda que o tráfico mantenha seu controle sobre ela, fazendo-as recuar ou avançar, de acordo com os seus projetos. As galeras podem ser também acionadas como sistemas de apoio, mobilizadas pelo narcotráfico para suas ações. (Guimarães, 1998:61)

Outro fator relevante é a localização da escola em relação aos morros vizinhos, pois os mesmos são na maioria das vezes tomados pelo tráfico. Quando os morros entram em guerra a escola fica na linha de cruzamento causando ainda mais problemas para a instituição. É relevante observar diversas situações que condizem com o âmbito escolar em diversas áreas e

analisar o tipo de violência urbana, pois a mesma engloba esferas da vida na cidade e a cada dia existe mais violência devido o crime.

Uma das ações mais prejudiciais à escola é a ameaça de invasão das galeras, é importante ressaltar que cada grupo de acordo com os vários morros, comunidades e ruas existentes na cidade do Rio de Janeiro vão diferenciar-se, Guimarães(1998) entende que “[...]eles se definem pelo espaço geográfico e social que representam e do qual incorporam os nomes[...]”. Logo, cada grupo vai possuir o nome do seu bairro, comunidade ou morro, esse grupo é representado pelo chefe, e o mesmo é quem decide as ações, já os demais são os que se subordinam as ordens do mesmo. É importante entender que tais grupos possuem sua forma padrão de se vestir, andar, falar e até mesmo seus gostos musicais, o grupo é como se fosse uma família e quando um membro passa por dificuldades, o resto se disponibiliza para ajudá-lo. Embora as galeras ocupem as áreas de seus bairros de origem, é importante entender que em alguns casos, há a ocupação dos mesmos em locais diferentes. No entanto, a demarcação territorial ocupada pelas galeras é subordinada pelas quadrilhas que agem sobre diversas formas estabelecendo no território regras, respeito, domínio e proteção sobre o mesmo. No entanto, em alguns aspectos elas se equiparam à organização e forma de ação dos bandidos. A rua por sua vez, tornou-se um espaço masculino, e é lá que ocorrem as reuniões dos grupos. Para Guimarães(1998) “o que distingue uma gangue da outra é inicialmente a vinculação ao território de residência”. É possível entender que por mais que as fronteiras sejam bem definidas, as mesmas são móveis e cada grupo luta para ampliá-la. É importante lembrar que o indivíduo fica sujeito a constrangimento e até mesmo à riscos. A ação das gangues ocorre em um determinada local, a rua a ser escolhida é na maioria das vezes com pouco fluxo de pessoas, sendo essa uma das características importante para as realizações de atividades como roubos, agressões ou simplesmente ameaças. Um dos motivos para os grupos usarem a violência é a fascinação e principalmente a sensação de poder e de domínio sobre o outro. Tudo indica que as formações desses grupos de jovens fazem parte de diversas classes sociais.

3.2 As escolas públicas das periferias.

No contexto das escolas públicas brasileiras, ao tratarmos dos estudantes que moram nos morros é identificada sucessivas repetências e evasões escolares, o motivo de alguns alunos estarem frequentando a escola pública são diversas, sendo que os principais motivos são que muitos desses alunos já frequentaram escolas particulares, no entanto, tiveram que migrar para a escola pública, outros alunos nunca frequentaram a escola particular e sempre

frequentaram as escolas públicas. Outro fenômeno que ocorre nas escolas é quando há grupos de morros rivais perto das instituições, os membros que trabalham na mesma procura evitar fazer matrícula dos grupos rivais afim de minimizar os problemas para a instituição.

A busca de lugar e de posição social aos alunos são ampliados por diversas práticas que delimitam as formas de pertencimento ou distanciamento do mesmo. É constantemente encontrado hoje em dia nas famílias brasileiras a falta do pai, nas classes pobres e favelada, essa falta de presença do mesmo é cada vez mais marcada, a figura do pai na maioria das vezes acaba sendo desconhecida, é importante entender que esse fenômeno ocorre em áreas urbanas com predomínio principalmente da classe trabalhadora. Esse fenômeno é reforçado por Guimarães:

O pai é muitas das vezes uma figura desconhecida ou que quase nunca aparece, sendo substituído pela mãe ou outros familiares. São Vários os casos de alunos que nunca viram o pai ou que passam dois, três anos sem vê-lo: há ainda, embora com frequência bem menor, os que não têm ideia de onde mora a mãe. (Guimarães, 1998:125)

Em alguns casos, quando existem na família um membro que passa a ser envolvido ao crime, uma das providencias que são tomadas pelo chefe da família é fazer com que os outros membros não venham ser futuramente envolvido também, por outro lado, a pessoa que possui envolvimento com o crime é descartado da família, importante entender que em alguns casos a família só percebe que o filho virou bandido quando não há mais medidas à serem tomadas para reverter tal problema. A história do Rio de Janeiro é marcada por sucessivas ocupações de morros, tais apropriações são vistas com negatividade pelas pessoas que moram fora e muitas das vezes nesses locais, Guimarães entende que:

À circunstancia de morar na favela eram associados comportamentos e atitudes quase sempre acompanhados de sinal negativo, percebidos como características intrínsecas do morador do morro e que eram vistas como se apresentando, por isso, não apenas nos locais de residências, mas contaminando outras esferas das quais participavam os favelados. (Guimarães, 1998: 139 e 140)

Portanto há discriminação por parte das pessoas que não residem nas áreas de morros por acharem as pessoas dos morros faveladas (termo usado muitas vezes para indicar pessoas que gostam de criar confusão), no entanto, o termo favelado que é usado para as pessoas que

Rafaella de Lima Costa

residem nas favelas e é destinada também para as que não moram mas, apresentam características como bagunceiros e vagabundos sendo essa característica destinado primeiramente a classe favelada dos morros. Um dos motivos da invasão dos morros pelo narcotráfico é ter um terreno favorável, outra questão que beneficia é a visão de que a favela seria um lócus do crime, a favela é vista pelas pessoas que não moram nos morros como um espaço para marginal e um lugar social hierarquicamente inferior às outras áreas da Cidade. Para Guimaraes acerca da invasão aos morros, ela indica que:

A invasão das favelas pelo mundo do tráfico tem um duplo efeito: de reforçar a deterioração da imagem dos favelados pela sociedade mais ampla, incorporada, em parte, por alunos moradores do morro, mas tende também a ampliar tal imagem, conferindo aos favelados, além dos atributos de “atrasados”, “moralmente degenerados”, “acomodados”, “perigosos”, os de “marginais”, “criminosos” e “violentos”. (Guimaraes, 1998:143)

Para viver nas comunidades é importante que os moradores respeitem a regra de convivência, seria ele principalmente respeito à hierarquia e subordinação ao chefe do crime, essa regra é o mínimo a ser cumprido, é obvio que quem descumpre essas regras estabelecidas possuem consequências que variam desde levar uma surra ou ser morto. O que faz do traficante um ser respeitável é a proteção que o mesmo faz aos moradores contra outros bandidos, a manutenção da segurança, a punição para os que infringem sua lei ou até mesmo o auxílio às famílias necessitadas, esses são os principais motivos que fazem os bandidos aos olhos dos moradores um homem bom.

3.3 A influência dos bailes funks nas periferias.

Uma característica marcante das comunidades é o baile funk nos finais de semana, essa é uma das principais fontes de lazer dos moradores das favelas, no entanto, o que era lazer para os jovens muitas das vezes acabam virando brigas e discursões no local do baile. É importante saber que não é só os jovens que frequentam os bailes funk, crianças de pelo menos onze anos que são residentes da comunidade frequentam esse ambiente na maioria das vezes, tanto para crianças como para jovens existem outros programas para fazerem, porém, o baile parece ser seus programas preferidos, em muitos casos a criança passa a frequentar esses bailes por iniciativa dos próprios parentes, a mãe é um exemplo disso.

Uma das características dos que frequentam os bailes funk e que são considerados funkeiro são o modo de se vestir. Esse modelo geralmente é seguido das crianças até as mães ou avós. Geralmente as roupas são muito curtas e decotadas e adotam um estilo de sensualidade para quem veste. Um fator que é determinante para a frequência de muitos jovens ao baile funk é muitas das vezes a limitação financeira, pois, esse baile costumam possuir ingresso mais barato que em outros bailes. A diferenciação entre os bailes funk e os outros tipos de bailes que acontecem nas boates da zona sul é encontrada desde o valor do ingresso até o modo de se vestir, enquanto no funk o modo de se vestir do homem é composto por bermudas, camisas fluorescentes, tênis de marca, boné e cordões, nas boates da zona sul os homens são bem arrumados com calças, camisas bem passadas, sapatos ,cabelos bem cortados e bem penteado, no segundo caso, os homens dão sinal de pessoas educadas e civilizadas, esse tipo de jovens que frequentam as boates da zona sul é rotulado como “play boy ou filhinho de papai”. Guimarães entende que “O baile funk é, hoje, característica do subúrbio, sendo frequentado, em sua maioria, por jovens favelados e negros. (Guimaraes 1998, pág. 165).

Para muitos funkeiros, a categoria funk é adotado por eles por causa do ritmo, da animação para a dança que a música traz, gosto por esse ritmo não está ligado necessariamente no que a letra da música diz. Na vida dos funkeiros há também a problemática do consumismo, o ato de chegar nos bailes na moda e com roupas de marcas são frequentes nas comunidades ou até mesmo no próprio baile funk. Atualmente, os bailes funk que se localizam nas favelas perto da zona sul do Rio de Janeiro são frequentado pelos jovens da classe média e até mesmo as classe alta residentes na Zona sul da cidade, a finalidade dessa frequência pode ser devido a dois principais motivos: pode ser porque os jovens gostam do tipo de baile e por isso frequentam mesmo que sua localização seja na favela, outro motivo da subida ao morro é para a compra de drogas, é evidente dizer que as favelas são os lugares que se conseguem comprar drogas com mais facilidades, para Guimarães.

Essa formulação é mais importante do que parece a princípio, dando conta dos efeitos de segregação impostas a esses grupos que a sociedade e os órgãos públicos se recusam a consideram em todas as suas dimensões: os funkeiros são, em sua grande maioria, pobres, negros e moradores de favelas, elementos que concentram a maior carga de preconceito no Rio e no País. (Guimarães, 1998:185)

Esses fatores fazem com que aconteçam diversas problemáticas, inclusive para o aumento do crime, é importante entender que a violência que ocorre nos bailes são violências feitas por

Rafaella de Lima Costa

um certo grupo. Outra questão importante é que geralmente as brigas de grupos vão ocorrer devido e por causa de outro grupo rival. Uns motivos muito frequentes das brigas podem ser por causa das namoradas dos bandidos que por vários motivos criam confusão por saber que os namorados irão defendê-las, em alguns casos, nem sempre é o que acontece.

Podemos dizer que a escola sofre uma interferência do externo, essa interseção pode acarretar em violências nas escolas, isso é dado partir do momento em que observamos o aumento dos índices de violência em torno da escola, por exemplo: roubo à alunos, assalto à professor, venda de drogas, e balas perdidas que ferem alunos e professores, nesse último caso, podemos dá um exemplo que os estudantes na qual são feridos acidentalmente por seus colegas e muitas vezes acabam morrendo, no entanto, não é apenas esses problemas que as escolas das camadas populares sofrem, Guimarães entende que existem mais problemas a serem ressaltados, ela entende que há ainda:

Depredações, invasões, danificação e roubos de equipamentos, roubo de merenda escolar, entre outras formas de ação de grupos externos sobre a escola, representam não só as marcas de ação de um quadro de violência difusa que se instala e domina as ruas da cidade, mas das péssimas condições de acesso a que se vêm condenados os usuários de serviços públicos básicos. (Guimarães, 1998:201)

Seria então papel da escola como educadora inserir esses jovens na instituição, afim de poder minimizar esses conflitos que há na sociedade vigente, no entanto, não é o que acontece, mais uma vez Guimarães declara que a escola por diversos motivos não cumpriu seu papel.

De fato, a escola pública destinada a atender às camadas pouco fez no sentido de favorecer a incorporação desses grupos à sociedade mais ampla, o que exigiria que se proporcionasse aos conjuntos provenientes das periferias da cidade referenciais normativos de integração e instrumentos cognitivos capazes de promover, em alguma medida, a sua inserção na vida social e cultural. (Guimarães, 1998:201)

Há nesse contexto, uma sociedade dividida e segregada, essa segregação parte também da escola, pois a mesma possui um sistema que não agrega todos, nesse contexto, quando se fala de uma escola de comunidade, há muitas vezes funcionários da instituição que abandonam a rede pública ou pedem transferências pois sofreram diversos problemas e conseqüentemente foram prejudicados com danificações de bens (exemplo carro) ou até mesmo ameaçado de

morte. As instituições que possuem sua localização nos morros são frequentemente interditado ou têm um período de dias sem funcionar devidos aos problemas recorrentes do tráfico junto com a entrada de policiais nas áreas causando tiroteios, o dono da boca de certa forma quer proteger o corpo escolar quando esta faz parte da linha de tiroteio, no entanto, em alguns casos pode ocorrer do chefe da boca utilizar o prédio escolar para o tráfico, nesse contexto, até mesmo as igrejas podem ser utilizadas para depósitos de armas e drogas, são essas instituições subordinadas ao mundo do crime. As escolas das comunidades sofrem as vezes intervenções tanto das galeras quanto do tráfico de drogas e isso gera problemas como a organização da vida escola.

A atuação dos jovens nas instituições é na maioria das vezes no período noturno, nesse horário há mais alunos que são ligados ao tráfico de drogas, nesse sentido, fica mais difícil da escola conter tal problema. A escola representa de certa forma para os alunos um início de mudança de vida, mas quando se trata dessa questão sobre os alunos das comunidades a resposta pode ser bem diferente, segundo Guimarães sobre os alunos das comunidades.

A escolaridade não representa, para esses jovens, uma possibilidade real de mudança, em suas vidas, de modo a projetar no futuro uma utilidade ampla e um sentido para os estudos. Mesmo os que afirmam desejar uma profissão futura que, teoricamente, pressuponha um nível mais alto de escolaridade, como engenharia, advocacia, fisioterapia, não relacionam os estudos com a profissão almejada e afirmam não estudar. (Guimarães, 1998:215)

Esses alunos que afirmam gostar de estudar, na realidade fazem muito mais bagunça do que estudam, essa questão pode ser abordada também por um motivo que é a questão familiar, geralmente elas são marcadas por baixas qualificação profissional e pode assim gerar distanciamento da escola para os alunos e quando os alunos querem realmente mudar de vida, nem sempre são estimulados suficientemente por seus familiares. O fato do aluno estar na escola é de certa forma um tipo de proteção contra o tráfico, e é um alívio para os pais.

Considerações finais

Portanto, conclui-se que, através das análises feitas sobre a violência e seus embates no ensino-aprendizagem tendo como objeto de estudo a Escola Municipal Benedito Ramos. Entende-se que tais alunos que possuem em seu convívio social a violência, o tráfico de drogas e a influência do baile funk são muitas das vezes diversificadas no seu convívio

Rafaella de Lima Costa

escolar, tais hábitos que são frequentes nas favelas é na maioria das vezes levadas para a instituição. Um exemplo que pode-se ressaltar é a venda de drogas na escola, as diversas brigas que são recorrentes nas salas de aulas e/ou no pátio da escola. Algo importante a frisar é o comportamento em geral desses alunos, como eles são na maioria das vezes moradores de Comunidades, toda a cultura de convívio desse local é bem definida em cada indivíduo e todos os seus hábitos são fortíssimos, são eles: O modo de falar, comportar, estilo musical (tal estilo possui a predominância do funk, a maioria desses adolescentes houve e dançam funk, no entanto, nem todos admitem gostar). Suas vivências de mundos são divididos, por exemplo: muitos querem seguir várias profissões e outros querem seguir o caminho do tráfico, na maioria das vezes chega-se a essa conclusão porque sente orgulho do pai, tio, amigo ou o chefe da boca, é importante lembrar que esses são as profissões que os meninos querem seguir, ao tratarmos de meninas, elas nem sempre possuem muitas opções de futuro, já que muitas namoram o próprio bandido que na maioria das vezes a engravida.

Por outro lado, os alunos que frequentam a Escola Benedito Ramos possuem muitos problemas, esses aspectos são: famílias desestabilizadas com perdas de parentes (o que mais chocam essas crianças são a perda de pai ou mãe), quando os problemas são na família, geralmente essas crianças ficam bastante agressivas, sentimentais e conseqüentemente carentes, Por outro lado, outro problema que afeta tais residentes das comunidades são a falta de recursos como vestimentas, e até mesmo alimentação. Em vários casos pode-se observar que esses alunos iam para a escola sem uniformes porque os pais não tinham condição de comprar e quando tinha o uniforme na maioria das vezes eram sujos e velhos. Outra observação válida nesse contexto é a alimentação dessas crianças, muitas delas chegaram afirmar que elas só se alimentavam na escola e na maioria das vezes não tinham nada o que comer em casa. É interessante perceber que por mais que esses alunos que vão para à escola apenas para fazer bagunça, muitos deles são os que mais gostam de frequentá-la, no entanto, talvez os mesmos ainda não tiveram incentivo suficiente para o estudo.

Conclui-se então que o desempenho educacional de cada aluno pode depender de vários fatores, tais elementos vão agir de forma diferente em cada pessoa e é nosso papel como educador ficar atento à essas mudanças no cotidiano de nossos alunos e tentarmos minimizar o máximo desses problemas já que uma das conseqüências é a baixa produtividade da aprendizagem desses educandos em sala de aula, não podemos esquecer que geralmente são esses alunos quem tumultuam as aulas e causam diversos conflitos na escola. Tentar entender

e ajudá-los pode melhorar suas vidas tanto na instituição como também fora da mesma. Entende-se que a educação é um processo que construímos com nossos alunos e é dever de todos. Portanto, construir meios de trazer os alunos para a escola é dever de todos os profissionais de educação.

Referências bibliográficas

BARRETO, Vicente. **Educação e violência: Reflexões preliminares**. In: Zaluar, Alba(org.). Violência e educação. São Paulo: Livros do tatu/ Cortez,1992.

DEMO, Pedro. **Introdução ao ensino da metodologia**. 2ed: Atlas; São Paulo, 1987.

FUKUI, Lia, **Segurança nas escolas**. In: Zaluar, Alba(org.). Violência e educação. São Paulo: Livros do tatu/ Cortez,1992.

GUIMARÃES, Eloisa, PAULA, Vera de. **Cotidiano escolar e violência**. In: Zaluar, Alba(org.). Violência e educação. São Paulo: Livros do tatu/ Cortez. São Paulo,1992.

GUIMARÃES, Maria Eloisa. **Escola, Galeras e Narcotráfico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ,1998.

MATA, Roberto da. **O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”: A Aventura Sociológica.** Zahar, Rio de Janeiro;1978.

PAIVA, Vanilda. **Violência e pobreza: a educação dos pobres.** In: Zaluar, Alba(org.). **Violência e educação.** São Paulo: Livros do Tatu/Cortez,1992.

ROCHA, Gilmar; TOSTA Sandra Pereira. **Para uma antropologia da educação: Antropologia e educação.** 1ed: Autêntica; 2009.

SALEM, Tania. **Entrevistando famílias, notas sobre o trabalho de campo.** Zahar, Rio de Janeiro.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar :A Aventura Sociológica.** Zahar, Rio de Janeiro,2010.

ZALUAR, Alba, **Nem líderes nem heróis: A verdade da história oral.** In: Zaluar, Alba(org.). **Violência e educação.** São Paulo: Livros do tatu/ Cortez,1992.

ZALUAR, Alba, **Exclusão social e violência.** In: Zaluar, Alba(org.). **Violência e educação.** São Paulo: Livros do tatu/ Cortez,1992.